



Distribuição de curtas universitários: pró-atividade e continuidade de produção

por Cíntia Langie¹

Mestre em Comunicação pela PUCRS e professora dos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação da UFPel

Devido ao crescente número de cursos superiores de cinema no Brasil, o presente artigo objetiva analisar algumas possibilidades de distribuição para o curta-metragem realizado na universidade e, para tanto, abordará os conceitos *pró-atividade* e *continuidade de produção*. Por *pró-atividade* entende-se a iniciativa criativa, planejada e dinâmica para a realização cinematográfica, além da atitude de antecipar e driblar os percalços que sempre aparecem durante a execução. A *pró-atividade* do estudante e de sua equipe, dado que o cinema gera sempre uma obra coletiva, é algo que deve brotar de todos os envolvidos na realização audiovisual. É algo que não se ensina na universidade, mas que é indispensável ao cineasta. E por *continuidade de produção* entende-se a perspectiva que o acadêmico possui de fazer diversos filmes durante o curso.

O curta-metragem é definido pela Ancine (Agência Nacional do Cinema) como todo filme que não ultrapassa 15 minutos de duração. Entretanto, há festivais que, em seu regulamento, consideram curta-metragem filmes com maior duração. De toda forma, curta é o formato mais apropriado à experimentação, pois é mais simples e barato de realizar do que o longa-metragem. Desse modo, a produção de filmes realizados durante a universidade (que comumente são curtas) tem papel determinante

¹ cintialangie@gmail.com

na formação de um profissional do cinema. Durante os anos de curso, que variam conforme o currículo de cada instituição, os estudantes produzem diversas obras audiovisuais – englobando desde curtas narrativas, até videocliques, videoartes e demais exercícios em vídeo. “Cinema e Audiovisual passa a abarcar também estudos mais próximos das artes plásticas com imagens e sons em movimento, dando destaque para as relações interdisciplinares entre cinema e outras mídias, como a televisão ou a internet” (RAMOS, 2011).

Algumas dessas produções universitárias transformam-se em experimentos de linguagem e outras em obras de valor técnico e artístico. A grande questão é de que forma o estudante entende esse produto – como obra para ser distribuída e enviada a festivais de cinema ou como um trabalho de disciplina curricular, feita tão somente para ser entregue ao professor. O objetivo deste artigo é instigar os estudantes a distribuírem seus filmes. Mas para que a distribuição funcione é preciso que, antes, o próprio filme funcione enquanto obra narrativa de imagem e som.

Na universidade, o jovem cineasta tem à disposição todos os meios necessários para fazer um filme - **equipe** (os colegas, os técnicos, os professores para orientar); **equipamento** (por maiores dificuldades que os cursos possam ter em questão de equipamento, há o mínimo necessário para se realizar audiovisual); **circunstância** (como são estudantes, podem, na maioria das vezes, se dedicar somente a isso); **prazo** (por mais que isso possa parecer ir contra o cineasta, ter um prazo de entrega é a melhor maneira de evitar a dispersão ou o abandono do projeto, tendências comuns ao cineasta iniciante); **olhar crítico** (com os erros cometidos, e com as críticas construtivas recebidas pelos demais colegas e pelos professores, o estudante tende a ver sua obra com olhar

crítico) e **vontade** (pressupõe-se que quem escolhe fazer cinema está comprometido com a realização de filmes).

Partindo do princípio de que fazer cinema se aprende fazendo, pode-se dizer que dispor de todos os meios na universidade é a oportunidade de que o cineasta precisa para começar a construir sua carreira – construindo seu portfólio e sua trajetória no meio cinematográfico. A perspectiva do universitário é bem melhor, por exemplo, do que a daquele profissional que se propõe a fazer cinema sem dispor do aparato necessário: conhecimento, equipe e equipamentos. Estar no curso de cinema confere ao realizador uma grande vantagem frente ao cineasta autodidata: a perspectiva de continuidade de produção.

Além da infraestrutura material e humana, o diretor-estudante está em um ambiente acadêmico no qual o cinema é o objeto de estudo, o que lhe possibilita desenvolver um olhar mais crítico sobre o audiovisual. Assim, ao estudante é possibilitado o entendimento do “fazer cinema” em sua totalidade, abrangendo todas as etapas da cadeia cinematográfica, desde pré-produzir o filme até o momento em que ele chega ao público.

É sabido que a cadeia do cinema é dividida em três etapas: realização, distribuição e exibição – cada uma destas com atribuições próprias. Porém, na realidade do curta-metragem geralmente o realizador assume também o papel de distribuidor e exibidor de seu próprio filme.

Por mais que hoje, com a janela da internet, o acesso aos filmes esteja muito mais fácil, as janelas tradicionais de exibição continuam tendo importância fundamental na carreira de um filme. Desse modo, é possível sugerir a seguinte comparação: ao passo que “o mercado de salas permanece como um segmento importante para a

indústria, respondendo pelo início da trajetória comercial do filme de longa-metragem”, (BARONE, 2005, p. 38) o espaço dos festivais de cinema responde pelo início da trajetória profissional do cineasta. Os festivais, que existem cada vez em maior número no Brasil e no mundo, são determinantes para a formação do profissional enquanto cineasta e não simplesmente para a trajetória comercial do filme.

Embora o grande público não costume frequentar os festivais, esses eventos devem ser encarados pelos realizadores como uma das principais etapas de distribuição de seu filme. O cineasta universitário, que está construindo sua carreira, pode se valer do festival como uma etapa de distribuição que dá legitimidade ao seu filme, para que este seja assistido não só pela plateia ou pelos críticos, mas por outros possíveis representantes de janelas de exibição – os festivais de grande porte reúnem diversos profissionais do audiovisual, desde gerentes de canais de TV, até programadores de cineclubes, representantes de órgãos estatais, etc. O festival é, além de uma vitrine para o cineasta em formação, a oportunidade de debater os filmes, assistir à produção atual, de firmar parcerias, de estar em contato com seus pares.

Existem festivais, hoje, especializados em filmes universitários. E existem também festivais com premiação para a categoria “cinema universitário”. Além disso, os curtas realizados pelos estudantes durante o curso não encontram nenhum impedimento para serem inscritos nas mostras de curtas dos festivais de cinema. Cita-se como exemplo a Mostra Gaúcha da Assembleia Legislativa no 39o Festival de Cinema de Gramado. Dos 20 curtas selecionados, dez eram produções universitárias. Esse fato demonstra que a produção atual de curtas no Rio Grande do Sul é, em grande parte, realizada por estudantes de



Festival Manuel Padeiro, em Pelotas, que vai este ano para sua terceira edição, é um exemplo de evento com a categoria “universitário”



Mostra Gaúcha do Festival de Gramado 2011 contou com 50% de curtas universitários

cinema.

Além de ter bom roteiro e qualidade técnica, para que um filme participe de um circuito de festivais é necessária a *pró-atividade* do estudante, porque na grande maioria das vezes é o próprio diretor, ou alguém da equipe, que faz a distribuição “caseira” do curta-metragem. Optou-se por chamar de distribuição caseira pois é um trabalho braçal feito por um indivíduo, e não por uma corporação, como as majors que distribuem longas (e muitas vezes os co-produzem também).

Também ligado a isto está o outro conceito apontado – a *continuidade de produção*. No caso do cinema argentino atual, alguns cineastas de longas-metragens que obtiveram sucesso na carreira começaram sua produção na universidade². São realizadores graduados em cinema ou comunicação, que iniciaram sua carreira com curtas-metragens, que seguiram a trajetória lógica dos festivais: São realizadores graduados em cinema ou comunicação, que iniciaram sua carreira com curtas-metragens, que seguiram a trajetória lógica dos festivais: enviaram seus filmes (sempre), foram selecionados (às vezes) e receberam prêmios (eventualmente). O curta é então o formato de aprendizado, de formação do profissional, de solidificação de um cineasta – tanto em termos estilísticos e autorais como na questão da determinação: se o cineasta não insiste com seu filme para distribuí-lo, ele geralmente acaba parando de produzir.

Geralmente, os cursos de cinema já oferecem oportunidade de realização prática no primeiro ano. Os primeiros filmes feitos servem apenas como experiência, na maioria das vezes. Mas devem ser encarados sempre como um desafio: o de fazer o *melhor filme possível*. Por melhor filme possível entende-se o resultado de um esforço máximo

² Lucrecia Martel, por exemplo, diretora do longa *O Pântano* (La Ciénega, 2001), cursou a faculdade de Ciências da Comunicação e realizou diversos curtas, entre eles *Rey Muerto* (1995), que recebeu vários prêmios em festivais internacionais.

no que o cineasta se dispõe a realizar naquele momento, com os conhecimentos que possui. A cada novo filme feito – *continuidade de produção* – deve-se buscar superar as carências antecedentes.


A *pró-atividade* deve brotar da equipe e talvez a grande vantagem de cursar cinema na universidade seja a perspectiva de “bagagem acumulada” em grupo. A experiência sempre será determinante para o bom andamento do trabalho em equipe. No Brasil, se sabe, não existe uma indústria cinematográfica nos moldes da de Hollywood. Fazer filmes é sempre um desafio. A realidade do cinema nacional mostra que frequentemente é preciso o profissional trabalhar em diversos filmes como assistente para chegar, um dia, a dirigir um filme. Na universidade se tem a rica oportunidade de experimentar as diversas funções na equipe de cinema, ser assistente dos colegas, aprender as diferentes técnicas do campo audiovisual, descobrir um talento próprio, experimentar e aprender cinema como um todo.

E aprender a fazer cinema é também aprender a distribuir os filmes, e batalhar pela publicidade de sua obra. Além do festival, é possível que os estudantes acessem de forma rápida e fácil pela internet a “rede” informal de distribuição – diferente da distribuição de longas, em que uma grande empresa faz os contatos, nos curtas é o próprio realizador que deve conectar-se com cineclubes ou salas especializadas em exibir cinema “alternativo” em outras cidades, e enviar cópias do filme a esses lugares, e também a escolas, centros culturais e outros órgãos institucionais. Sem falar, é claro, na disponibilização da obra na internet – por ser um formato de curta duração é assistido com mais frequência pelos internautas. Nesse caso, devido à grande quantidade de material audiovisual disponível na rede, o grande diferencial está na divulgação da obra.

E então volta-se a ressaltar a importância dos festivais: distribuir um filme no circuito de festivais e eventualmente ser premiado possibilita uma publicidade gratuita ao filme. Os curtas vencedores são citados em matérias de jornais, críticas na internet e artigos de revista. Além disso, os curtas premiados passam a ter mais acessos na internet, já que existe a possibilidade, com base na busca por “palavras-chave” dos sites de vídeo, dos espectadores encontrarem os curtas por eles terem sido premiados em tais festivais.

Outra janela possível para o curta realizado pelos estudantes de cinema são os canais de TV a cabo. Muitos desses canais têm carência em sua grade de programação no que se refere a produtos interessantes e de qualidade. E as televisões pagam, o que é sempre um incentivo para a *continuidade de produção*. Mas o foco deste artigo não é a profissionalização do meio (talvez em outro artigo, pela importância do tema) e sim a determinação do realizador iniciante de cinema na distribuição de seu filme.

Acredita-se que no momento em que o grande grupo de novos cineastas estudantes começar a ter a real noção da oportunidade que possuem durante o curso, poderá o cinema brasileiro pensar em um novo momento, um momento em que talvez o respeito e a procura por produtos nacionais, que já vem aumentando, aumente ainda mais.

A geração de curtas-metragistas que está despontando no cenário atual do cinema precisa estar comprometida com o meio, com a distribuição de seu filme, agindo com *pró-atividade* e sabendo que o cinema se aprende fazendo, com a *continuidade de produção*. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONE, João Guilherme. **Comunicação e indústria audiovisual: cenários tecnológicos e institucionais do cinema brasileiro na década de 1990**. Porto Alegre: Biblioteca Ir. José Otão, 2005.

MATTA, João Paulo Rodrigues. **Cinema brasileiro e distribuição: uma análise dos casos de Cidade de Deus e Janela da alma**. 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. **MEC quer unificar cursos em Cinema e Audiovisual**. Acesso em 04 de setembro de 2001. Disponível em: http://www.audiovisual.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27:mec-quer-unificar-area-em-cinema-e-audiovisual&catid=1:coordenacao

SILVA, Hadija Chalupe da. **O filme nas telas: a distribuição do cinema nacional**. São Paulo: Ecofalante, 2010.